LITERATCURA

LITERATCURA

Um livro é médico e remédio ao mesmo tempo.

Faz o diagnóstico e oferece tratamento.

Nina George – *A livraria mágica de Paris*

Quantas vezes um livro foi o refrigério ou o puxão de orelha de que você precisava para seguir na vida? Não estou falando de todos os livros, mas, especificamente, dos literários. Um poema, um conto, um romance, uma crônica... Cada palavra encarnada por alguém que usou a escrita de modo simbólico, tomando como *leitmotiv* as próprias experiências ou as alheias: dramas, contentamentos, inquietações, indignações e tantas outras razões para que escritores e escritoras se dispusessem a poetizar, fantasiar ou, simplesmente, a partir do cotidiano, provocar, acalentar, transportar leitores para uma realidade outra, revelando-nos vários possíveis modos de existir.

Penso na literatura enquanto cura, ou melhor, como uma via para que possamos encontrar caminhos de cura para os males da alma, pois, ainda que não seja um medicamento, tem propriedades que se assemelham ao bom e velho remédio. E

a distinção entre medicamento e remédio tomo emprestada de Dante Gallian, em seu livro *A literatura como remédio*: os clássicos e a saúde da alma, cujo trecho, longo, eu sei, peço licença para citar:

> *Nos dicionários médicos, o termo remédio se diferencia do congênere medicamento, por remeter a qualquer tipo de substância ou prática que não havendo sendo concebida originalmente para um uso terapêutico, pode, entretanto, apresentar virtudes e efeitos terapêuticos e/ou curativos. Ao contrário de um medicamento, que foi concebido e manipulado especificamente para produzir um fim medicamentoso, o remédio apresenta uma identidade própria, independente da ciência e da vontade humana. [...] Nesse sentido, assim como o medicamento se associa com o industrial, massivo e despersonalizado, o remédio nos remete ao caseiro, individual, pessoal.*
>
> *Entendida nesta perspectiva, a literatura, concebida para ser a expressão e a transmissora do mistério humano, ao ser proposta como meio de nos salvar da desumanização, só pode ser efetivamente concebida como remédio e nunca como medicamento (p. 210-211).*

O livro foi publicado em 2017, porém, antes dele minha prática leitora já estava baseada na certeza de que a literatura tinha potência curativa. E não somente os textos clássicos, mas nossos contemporâneos também. É claro que, quando falo em literatura, sei da infinidade de textos que são classificados enquanto tal, no entanto alguns são melhor elaborados para alcançar aquele lugarzinho da alma sedenta pela palavra certa,

na hora certa. Ah! Eu já perdi a conta de quantos textos me tocaram e me fizeram enxergar aspectos de mim e do mundo que eu, por algum motivo, me negava a ver.

Um exemplo foi a leitura do primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, cuja personagem Joana fala tão profundamente às minhas necessidades psíquicas que eu já li o livro três ou quatro vezes, inclusive, tenho dois exemplares cheios de marcações. Na primeira vez que o li, creio que estava passando por algum momento de busca por algo que eu não sabia o que era, e Clarice, por meio de Joana, me fez várias provocações sobre casamento, felicidade, maternidade, amor e plenitude de existir. Assim como a personagem, eu queria ficar perto do coração selvagem da existência, ir mais profundo, pois, também igual a ela, entendi que *"Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome"*, e me perguntei e continuo a me perguntar: *"Ser feliz é para se conseguir o quê?"*.

Clarice Lispector é minha curandeira preferida. A ela recorro sempre. Curou-me com Rodrigo S. M., narrador de *A hora da estrela*, quando diz *"Quem não já se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?"*. Foi por meio dessa novela que tive a real ideia do quanto *"A vida é um soco no estômago"* e, para alguns, os golpes são bem mais intensos. Em *A paixão segundo G. H.*, a palavra veio na hora de profunda dor e me alertou para o fato de que *"Se a pessoa não estiver comprometida com a esperança, vive o demoníaco"*.

E para fechar as citações clariceanas, porque se deixar eu escrevo um livro todo apenas falando sobre tudo em sua obra que muito me marcou, um trecho de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*: *"uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que*

nos empurra para a frente". Se você ainda não tomou sua dose de Clarice Lispector, fica aqui recomendada. E se já, vá adiante, mergulhe um pouco mais, apesar de...

Nesse movimento de leitura, vou me (re)fazendo a cada dia. Em minha estante, há diversos livros sobre o valor terapêutico da literatura, entre os quais estão *Farmácia literária* (Ella Berthoud e Susan Elderkin), sugestão de mais de 400 textos para curar os males da alma; *Fundamentos de biblioterapia* (Ana Cláudia de Oliveira Leite), e os romances *A livraria mágica de Paris* (Nina George) e *O passeador de livro* (Carsten Henn), histórias sobre personagens que são, digamos, farmacêuticos/médicos da alma.

Por ser prova da eficácia da literatura, entendendo o quanto ela pode, inclusive, despertar a necessidade de um tratamento terapêutico profissional, tornei-me mediadora de leitura, criei o grupo Entre Livros, cujo objetivo é realizar encontros mensais durante os quais o propósito é partilhar experiências leitoras entrelaçadas com a vida íntima e/ou social, bem como desenvolver oficinas de escrita afetiva. Tem sido uma experiência fantástica de acolhida, escuta, autoconhecimento e cura.

É porque a literatura me salva a cada dia que eu me transformei em sua "catequista" fiel e busco "converter" o máximo de pessoas, sem esquecer, porém, que ela não é apenas alívio diante das tribulações do mundo, mas também denúncia e profecia. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça. E ouvindo, escute, criticamente, é claro, suas palavras, pois no universo literário também há, entre o trigo, o joio.

Feira de Santana, 25 de março de 2023

Iniciando mais um livro, apesar de...

Coagidos a ser felizes

Também a vida que se recusa a

toda dor é uma vida coisificada.

Byung-Chul Han – *Sociedade paliativa*

A vida é um fardo pesado, mas não vos mostreis tão delicados.

Nietzsche – *Assim falava Zaratustra*

Quero falar sobre dores. Não as físicas, pois dessas eu fujo assim que se manifestam, inclusive realizando a tão maléfica automedicação. Pretendo prosear sobre as dores ditas da "alma", que afetam nosso psicológico e, quase sempre, provocam em nós terríveis dores no corpo, afinal, está tudo interligado e não há como pensar em corpo/mente/alma de forma dissociada. E não farei uma apologia do sofrimento, uma vez que há muito me libertei do ideal cristão de carregar a cruz sem questionar o peso.

É perceptível, em nossos dias, não apenas nos resultados das pesquisas, mas nas experiências cotidianas, o quanto somos

uma sociedade psiquicamente adoecida e estamos pouco resistentes à dor. A discussão sobre saúde mental ainda não é o suficiente, no entanto a busca por auxílio psicológico, psicanalítico e psiquiátrico, creio, tem aumentado. A grande questão é que nem sempre quem precisa de apoio encontra profissionais verdadeiramente preparados para ajudar a superar as dores de uma frustração, do luto, das desilusões, do abandono e tantas outras, respeitando o tempo da cura, assim a intervenção medicamentosa é recorrente, mesmo sem ter tentado outras possibilidades de tratamento.

Isso não significa que, em outras épocas, não se buscou alternativas para fingir que estava tudo bem, seja na bebida, nas diversões exageradas, ou em diferentes formas de fuga. Contudo, encontrar caminhos para atenuar a dor é diferente de não querer que ela se manifeste de modo algum. Hoje, de forma mais acentuada, tudo ao nosso redor, das redes sociais à publicidade, leva-nos a desejar uma eterna alegria, dessa maneira, caso as coisas não estejam nos trilhos, é só ir às compras, à festa, fingir um riso, afinal, "é melhor ser alegre do que triste", como diz a letra da canção.

Em *Sociedade paliativa*: a dor hoje, o filósofo Byung-Chul Han fala sobre o tabu da dor e o quanto somos coagidos a ser felizes, alertando-nos: *"O dispositivo de felicidade individualiza o ser humano e leva à despolitização e à dessolidarização da sociedade. Cada um tem de cuidar da própria felicidade. Ela se torna um assunto privado"*. É uma lógica cruel, haja vista não resolver os problemas, mas somente escamoteá-los. Eu não sei se precisamos de sofrimento intenso para aprender a viver, por isso, acho que, em casos extremos, a medicação é importante. Entretanto, se não formos ensinados a interpretar com clareza o que nos acontece, ficaremos reféns da indústria farmacêutica e de toda

sorte de estratégias usadas para nos desviar das emoções e sentimentos considerados "negativos".

Essa busca por uma vida sem dor, sem angústia; por uma sociedade perfeita em todos os aspectos, cujo controle das emoções é idealizado, foi problematizada no romance distópico *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, publicado em 1932. Esse é um daqueles textos proféticos, assim como pretende ser toda distopia, que usa o exagero, a ficção científica e a linguagem metafórica para nos alertar sobre o ideal de perfeição, como é preciso atentar para os regimes governamentais e, na época atual, também econômicos, pois domesticar os afetos é um dos interesses de quem pretende manter o poder. Sem dor, sem questionamentos? Sem dor, mais socialmente prontos para consumir? São tantas questões a se pensar.

O admirável mundo novo, o mundo sem sofrimento, reflete-se, na narrativa citada, no uso contínuo do Soma, uma droga inibidora da tristeza ou de qualquer tipo de insatisfação:

> *O Soma não trazia nenhuma dessas consequências desagradáveis. Proporcionava um esquecimento perfeito, e se o despertar era desagradável, não era intrinsecamente, mas em comparação com as alegrias desfrutadas. O recurso era tornar contínua a fuga. Avidamente, ela reclamava doses cada vez mais fortes, cada vez mais frequentes (p. 154).*

Sei que ninguém tem balança precisa para medir a capacidade que o outro tem para o sofrimento. Cada pessoa, de acordo com sua história de vida e formação psíquica, lida de modo diferente diante dos desafios, das perdas e frustrações. Porém, se uma apologia do sofrimento pouco nos ajuda, uma

Redes socias da autora:
Insta: @ellisfranco e @literat_cura

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2023.